

O CERRADO É UMA FLORESTA DE CABEÇA PARA BAIXO: ANÁLISE SEMÂNTICA DA UNIDADE LEXICAL “CERRADO”

Daniel Marra¹
Sebastião Elias Milani²

RESUMO

Apresenta-se neste artigo uma análise da unidade lexical *cerrado*, item que compõe o grupo semântico-lexical aspectos geográficos do Alingo – Atlas Linguístico de Goiás (MILANI *et al*, 2015) –, com foco na diatopia do nordeste goiano. Isso significa que essa unidade lexical é analisada no contexto dos dados gerados nos pontos que constituem a região nordeste do estado de Goiás. Esse enfoque diatópico, embora seja importante para que se tenha uma noção da frequência de uso pelos falantes, tem um valor mais reduzido aos propósitos deste estudo, que se ocupa da análise da mudança semântica semasiológica de cerrado¹ (fechado, vedado) para cerrado² (vegetação típica de Goiás).

Palavras-chave: cerrado, léxico, mudança semântica.

Introdução

Enfoca-se neste artigo no processo de significação da unidade lexical cerrado, analisando-a mediante seus significados metalexiconográficos (dicionarizados) e conforme o sentido expresso nas intenções significativas dos utentes na sincronia atual (dados do ALINGO). Como será evidenciado neste estudo, os processos de constituição semântica das unidades lexicais e subsequentes mudanças de sentidos mais produtivos são de ordem metafórica e metonímica. Deve-se, além disso, ter claro que tanto a criação de um item lexical qualquer quanto a sua mudança de sentido envolvem objetivos pragmáticos, como a necessidade de os utentes expressarem um novo significado relacionado a um determinado significante. Recorre-se assim à teoria semântica em sua

¹ Docente do Curso de Letras (IFTO – *Campus* Palmas). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFT – *Campus* de Porto Nacional). Doutor em Letras e Linguística (UFG). E-mail: delmarra2004@hotmail.com

² Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (FL/UFG). Doutor em Semiótica e Linguística Geral (USP). E-mail: sebaselias37@hotmail.com

face histórica ou diacrônica, que se ocupa do estudo “das unidades significativas da língua” e que tem como fio condutor “orientar a explicação da mudança semântica” (ROTH, 1998, p. 66, 70). Ainda sobre a mudança semântica, Silva (2006) distingue entre mudanças semasiológica e onomasiológica, como desempenhando funções distintas nesse processo.

Diacronicamente, a distinção dá-se entre a mudança semasiológica ou desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra e a mudança onomasiológica ou expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical (SILVA, 2006, p. 87).

Como se poderá perceber nas seções seguintes, a mudança semasiológica é que permite a mudança de sentido do item lexical cerrado¹ (fechado, vedado) para cerrado² (vegetação típica de Goiás); já a mudança onomasiológica força à criação novos itens lexicais para expressar um conceito já existente. Processos metafóricos e metonímicos são bastante produtivos tanto na criação quanto na mudança de sentido das palavras.

No estudo do léxico, pode-se partir de uma unidade lexical para os seus sentidos e referentes ou do significado ou conceito para as diferentes unidades lexicais que o podem designar (cf. SILVA, 2006). No estudo ora empreendido, parte-se do conceito ou do significado para os vocábulos que o designam. Exemplificando, é a partir do que o informante conceitua como *vegetação típica de Goiás* que se chega à unidade lexical que o nomeia, o *Cerrado*. Nesse caso, o questionário do inquirido e o inquiridor (no caso específico deste estudo) exercem a função de conceituadores que motivam, em contrapartida, o inquirido a visualizar a imagem da coisa e dizer o seu nome.

O léxico

O léxico do português brasileiro atual é uma demonstração de que processos históricos internos e externos desempenharam papéis distintos ao moldar as formas e os sentidos de suas unidades lexicais. Uma análise acurada das formas e dos sentidos de tais unidades lexicais desvelam suas características constitutivas e narra a história da evolução de suas formas e de seus sentidos desde os primórdios dessa língua. Nesse sentido, Rio-Torto (2014, p. 31) ressalta que “em português, como em outras línguas, a estrutura interna das palavras reflete as tendências históricas da língua”. Assim, para a autora, o conhecimento da história de uma língua e de seu léxico não é só útil para a

aquisição e o aprendizado, mas também para um “conhecimento mais preciso dos padrões lexicais de cada língua” (*op. cit.*, p. 53). Viaro *et al* (2014, p. 60) corrobora acrescentando que “para entender como uma língua funciona é preciso mesclar dados históricos com os elementos presentes da comunicação atual entre os falantes”. Por outro lado, o autor argumenta que ater-se apenas a uma sincronia atual é um erro, “uma vez que todos sabemos que a essência das línguas é mutável diacronicamente, como se flagra no intervalo de uma vida”.

Como o léxico de uma língua é um inventário aberto, está em constante expansão e também destinado a ver alguns de seus vocábulos caírem no ostracismo. Nesse sentido, Villalva e Silvestre (2014) teorizam:

A aprendizagem de palavras é uma possibilidade que acompanha os falantes ao longo de toda a sua vida, mas há também perdas e esquecimentos motivados pelo desuso. O conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode, pois, não ser idêntico ao de um momento anterior ou posterior: trata-se de um saber cumulativo e, também, degradável (VILLALVA & SILVESTRE, 2014, p. 23).

O nível lexical é o lugar por excelência da instauração da variação e da mudança semântica. Logo, é no léxico de uma língua que mais facilmente se pode observar o dinamismo com que as formas linguísticas se alternam, alteram ou caem no ostracismo, mantendo a língua num processo constante de renovação. Esse nível é também revelador da instanciação social de papéis desempenhados pelos utentes. A cada tomada de palavra pelo falante, o léxico se revela como um indicador de posições sociais e um demonstrador do lugar social da instauração da variação e da mudança linguísticas.

O inventário lexical de uma língua permite que cada falante ocupe uma parte, o necessário para que seja inteligível uns com os outros, como se um ponto central fosse distribuído de forma homogênea a todos. Mas uma língua possui variedades e estas podem prejudicar a comunicação, no entanto, a necessidade de comunicação poderá se constituir numa força que a harmoniza os efeitos da variação incessante.

Embora seja a mesma língua, ela inclui inúmeras variedades, de tipo e grau muito diferentes: variedades individuais, variedades de classe, variedades locais. Duas pessoas que falam podem falar de modo que sejam ininteligíveis uma para com a outra. O fato que lhe dá unidade é que todos os que a falam podem, em grande medida, e em assuntos de interesse mais geral e urgente, falar de modo a compreenderem um ao outro (WHITNEY, 1867, p. 22, *apud* MARRA & MILANI, 2013, p. 140).

Ramos *et al* (2012), ao teorizarem sobre o papel especial desempenhado pelo léxico, como o nível linguístico mais dinâmico, capaz de revelar a posição sociolinguística que cada falante ocupa na sociedade, os autores argumentam que é através desse nível que o falante categoriza o mundo. É também através dele que o pesquisador poderá reconstruir a história da língua e revelar sua história interna e externa, que coincide também com a história linguístico-cultural dos falantes de uma língua.

O léxico de uma língua é, assim, composto de palavras ou unidades lexicais cujas formas transmitem informações fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e etimológicas. Por conseguinte, “conhecer uma palavra significa conhecer todo o conjunto de informações que ela comporta e que a constitui” (VILLALVA & SILVESTRE, 2014, p. 76). Esse conhecimento é, no entanto, um conhecimento abstrato, que interessa ao estudioso da língua. O falante comum, por outro lado, “tem apenas a intenção de usar a posse comum em benefício próprio, servindo com isso a suas finalidades pessoais” de comunicação (WHITNEY, 1971 [1867], p. 18 *apud* MARRA & MILANI, 2013, p. 142).

O conhecimento do léxico de uma língua não requer do falante comum o conhecimento etimológico das unidades lexicais que o compõem, tão pouco requer o conhecimento das propriedades formais que constituem as palavras. No entanto, como argumentam Villalva e Silvestre (2014, p. 25), “pode-se admitir a hipótese de que o conhecimento de uma dada propriedade das unidades lexicais potencia o conhecimento de outra ou outras das suas propriedades, ou seja, que, ainda que independentes, as propriedades das unidades lexicais são inter-relacionáveis”. Assim, os autores reivindicam um lugar de destaque aos estudos etimológicos, dizendo que “é necessário salvaguardar, desde logo, que boa parte da etimologia do léxico das línguas está ainda por estudar” (*op. cit.*, p. 24).

Metáfora e Mudança Semântica

Em um estudo sobre a mudança de sentido por que as palavras passam, Meillet (1905-1906) faz uma demonstração clara de como o sentido das palavras depende das circunstâncias de seu uso e de como a mudança de sentido das palavras está

intimamente relacionada com os usos que grupos linguísticos diversos fazem de determinados vocábulos. Determinadas unidades lexicais tem o seu sentido alterado dependendo da natureza do grupo linguístico que a emprega, ou seja, se o grupo é “mais ou menos isolado do resto da sociedade, mais ou menos fechado, mais ou menos autónomo” (MEILLET, 1905-1906, p. 246). Além disso, para o autor, o vocabulário do grupo se expande e se diferencia como uma forma de reforço de identidade linguística, sendo o vocabulário o que mais sofre os efeitos da ação dos grupos particulares sobre a língua.

Ele (o vocabulário) é intencionalmente ampliado por causa da tendência de cada grupo de marcar externamente a sua independência e originalidade; enquanto a ação da sociedade em geral tende a uniformizar a língua, a ação de grupos particulares tende a diferenciá-la, senão a pronúncia e a gramática, que permanecem substancialmente unes, pelo menos o vocabulário dos indivíduos envolvidos (MEILLET, 1905-1906, p. 246-247, grifos nossos)³.

Para Meillet, as metáforas desempenham um papel fundamental tanto na criação vocabular quanto em sua mudança de sentido, visto que as línguas são plenas de usos metafóricos. Nesse sentido, o autor faz uma demonstração de como uma mudança de sentido se instancia e se implementa numa determinada unidade lexical:

Arriver (chegar), etimologicamente, significa “*aborder*” (encostar a embarcação, aportar), isto é, *ad-ripare*; e este sentido é bem conservado, por exemplo, no português *arribar*; mas, para um marinheiro, *aborder* significa estar ao término da viagem: se, da fala dos marinheiros, esse termo passar à linguagem comum, significará simplesmente o que significa o francês *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259).⁴

³ Elle est grossie intentionnellement par suite de la tendance qu’a chaque groupe à marquer extérieurement son indépendance et son originalité : tandis que l’action de la société générale tend à uniformiser la langue, l’action des groupements particuliers tend à différencier, sinon la prononciation et la grammaire, qui restent sensiblement unes, du moins le vocabulaire, des individus qui y prennent part. Il y a là deux tendances antagonistes qui résultent immédiatement et du caractère de la langue générale et du rôle spécial des langues particulières (MEILLET, 1905-1906, p. 246-247).

⁴*Arriver* signifie étymologiquement « *aborder* », c’est *ad-ripare*, et ce sens s’est bien maintenu par exemple dans le portugais *arribar* ; mais pour un marin, *aborder* c’est être au terme du voyage : si, de la langue des marins, le terme passe à la langue commune, il signifie simplement ce que signifie le français *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259).

Para Meillet, uma mudança de sentido de uma determinada unidade lexical se implementa quando tal unidade passa de um uso restrito a um determinado grupo para a linguagem comum, isto é, quando seu sentido se generaliza. Posto de outro modo, quando o termo *aportar* ou *arribar* deixar de ser de uso restrito dos marinheiros, no sentido de conduzir a embarcação ao porto, e passar à linguagem comum, ele perderá esse sentido etimológico e os falantes o utilizarão no sentido de *chegar* apenas, sem o conhecimento de que esse termo trazia em sua etimologia o sentido de *conduzir a embarcação ao porto*.

Assim, embora o termo etimológico *aportar/arribar* possua um sentido metafórico, quando ele passa ao uso comum, ou se generaliza, essa ideia figurativa desaparece, não sendo mais legítimo falar de metáfora, mas de um modo de expressão etimológica que não chega à consciencia plena do falante.

Para um marinheiro que *aporta*, no sentido de chegar obviamente, o essencial é que ele chegue, naturalmente; e quando as palavras passam da língua especial à língua comum, elas passam não com o significado etimológico que perderam, mas com o valor secundário que adquiriram: a ideia de *alcançar à costa*, que, para um marinheiro, subiste obscuramente no sentido de *chegar*, é, então, eliminada mesmo sem que se perceba, porque ela já não era percebida (MEILLET, 1905-1906, p. 259)⁵.

Assim, para Meillet, a mudança de sentido das palavras ocorre quando uma palavra de uso restrito a um determinado grupo linguístico passa ao uso geral, perdendo com isso a ideia etimológica e se revestindo de um novo significado. Nesse sentido, termos metafóricos que são bastante abundantes no processo de criação lexical, não serão mais notados como tais quando deixam seus usos especializados e passam a empregos mais gerais, jamais ignorando o fato de que as mudanças de sentido estão relacionadas com a diferenciação social que constitui as sociedades.

Estes exemplos, onde só notei os fatos maiores e mais gerais, permitem que se tenha uma ideia de como os fatos linguísticos, fatos históricos e sociais, se unem, agem e reagem para transformar o sentido das palavras; vemos que, em toda parte, o momento-chave é a passagem de uma palavra da língua geral a uma língua particular, ou o

⁵Pour un marin qui aborde, l'idée de rive va de soi, l'essentiel est qu'il arrive au but; et quand les mots passent de la langue spéciale à la langue commune, ils y passent non avec une valeur étymologique qu'il ont perdue, mais avec la valeur secondaire qu'il ont acquise: l'idée d'arriver au rivage qui, pour un marin, subiste obscurément dans arriver est alors éliminée sans même qu'on y prenne garde, car elle n'était plus aperçue (MEILLET, 1905-1906, p. 260).

oposto, ou ambos, e que, conseqüentemente, as mudanças de sentido devem ser consideradas como tendo por condição principal a diferenciação dos elementos que constituem as sociedades (MEILLET, 1905-1906, p. 271)⁶.

Esse ponto de vista “sociolinguístico” de Meillet, que buscava “leis sociais” para a mudança semântica, reflete as tentativas da tradição histórico-filológica de entendimento da mudança de sentido, que reconhecia na metáfora, na metonímia e na polissemia um papel fundamental.

Nas décadas finais do século XX, Johnson e Lakoff (1980) colocaram a metáfora e a metonímia no centro da Linguística Cognitiva. Para os autores, metáforas e metonímias formam sistemas coerentes através do qual se conceitua a experiência (LAKOFF & JOHNSON, 1980 *apud* SILVA, 2006). Esses elementos tradicionalmente concebidos como figuras de retórica deu lugar nas últimas décadas do século XX a uma reconceptualização. Desde então, essas formas de sentido são vistas como processos conceituais autênticos.

Hoje, sabemos que metáfora e metonímia são fenômenos conceituais por natureza, processos e modelos cognitivos, constitutivos do nosso sistema conceitual, modos naturais de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico, radicados na experiência humana e responsáveis quer pela estruturação do pensamento, da linguagem e da ação, quer pela inovação conceitual (SILVA, 2006, p. 110).

Esse reconhecimento da metáfora e da metonímia como constitutivos da forma de o ser humano pensar o mundo e de o representar através da linguagem está na base da teoria cognitiva contemporânea da metáfora e da metonímia. No seio da Linguística Cognitiva, principalmente devido ao trabalho de Lakoff e Johnson (*Metaphors We Live By*, 1980), que deram início a essa virada metateórica, metáfora e metonímia passaram a ser vistas como “autênticos mecanismos cogn(osc)itivos” (SILVA, 2006, p. 110).

A instanciação dos processos metafóricos na linguagem dá-se através da necessidade de os indivíduos expressarem conceitos abstratos do dia a dia relacionados

⁶ Ces exemples, où l'on a remarqué seulement les plus gros faits et les plus généraux, permettent de se faire une idée de la manière dont les faits linguistiques, les faits historiques et les fait sociaux s'unissent, agissent et réagissent pour transformer le sens des mots; on voit que, partout, le moment essentiel est le passage d'un mot de la langue générale a une langue particulière, ou le fait inverse, ou tous les deux, et que par suite, les changements de sens doivent être considérés comme ayant pour condition principale la différenciation des éléments qui constituent les sociétés (MEILLET, 1905-1906, p. 271).

às noções de tempo, espaço, teoria científica, relações interpessoais e à vida em geral. Habitualmente, tais conceitos são verbalizados de forma metafórica: “conceptualizamos e verbalizamos o tempo em termos espaciais, a vida como uma viagem, as teorias intelectuais e científicas como edifícios, a discussão como guerra, etc.” (SILVA, 2006, p. 112).

Fiorin (2014) sustenta que “a metáfora é uma concentração semântica”, isto é, um determinado elemento significativo ao se formar com referência a outro significado já existente assimila deste alguns traços que passam a definir a ambos, o novo e o antigo.

No eixo da extensão, ela [a metáfora] despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata (...), aumentando-lhe o sentido. (...) O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade, ou seja, a existência de traços comuns a ambos. A metáfora é, pois, o tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade, restringindo a extensão sêmica dos elementos coexistentes e aumentando sua tonicidade (FIORIN, 2014, p. 33, grifos nossos).

As discussões apresentadas acima destacam a importância que os processos metafóricos desempenham na criação lexical e mostram que a mudança de sentido das palavras aparece como decorrente de causas externas à língua, como a passagem de um uso restrito a um determinado grupo linguístico para outro. Nesse processo, perde-se, geralmente, a ideia etimológica da unidade lexical, que ganha no novo grupo um sentido menos específico, às vezes, sem relação nenhuma com o étimo da palavra.

A análise dos dados do ALINGO, referentes ao campo semântico-lexical aspectos geográficos, revelou algumas unidades lexicais cujos sentidos etimológicos fazem crer que algumas se constituíram através de processos metafóricos e outras de processos metonímicos; outras passaram pelos dois processos em sincronias distintas. O termo *cerrado* deixa-se analisar como que tendo se constituído através de processos metafóricos, embora, em alguns casos, essa ideia já não seja mais percebida sem que se recorra a sincronias pretéritas ou mesmo ao étimo da unidade lexical em análise.

O bioma Cerrado

O *Cerrado*, bioma que dá título a este artigo, é o segundo maior bioma brasileiro. Sua abrangência cobre uma área de 2.045.064 km² e oito estados do Brasil Central: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal. Coutinho (s/d, s/p) descreve a vegetação característica do Cerrado como troncos e ramos tortuosos cujo sistema subterrâneo é “dotado de longas raízes pivotantes, que permitem a estas plantas atingir dez, quinze ou mais metros de profundidade, abastecendo-se de água em camadas permanentemente úmidas do solo, até mesmo na época seca”.

O fato de a biomassa dessa vegetação estar abaixo da superfície terrestre foi observado pelo escritor Carmo Bernardes, que costumava dizer que “o Cerrado é uma floresta de cabeça para baixo”. O escritor mineiro, radicado no estado de Goiás, retratou de forma singular em sua literatura a espacialidade geográfica de Goiás através de descrições pormenorizadas da biodiversidade da região e dos fenômenos naturais.

Segundo Altair Sales Barbosa (2015), o Cerrado é o mais antigo dos ambientes recentes do planeta Terra, que, depois de devastada pelos meteoros que extinguiram quase a totalidade dos seres vivos que abitavam no planeta, começou a ressurgir “os primeiros sinais de vida, principalmente de vegetação, que ressurgem na Terra se deram no que hoje constitui o Cerrado”. Portanto, diz o autor, “vivemos aqui no local onde houve as formas de ambiente mais antigas da história recente do planeta, principalmente se levarmos em consideração as formações vegetais. No mínimo, o Cerrado começou há 65 milhões de anos e se concretizou há 40 milhões de anos” (BARBOSA, 2015, s/p).

Quando se diz que o Cerrado é uma floresta invertida, de cabeça para baixo, diz-se que pelo menos dois terços de suas árvores se projetam para o subsolo. Quando se lança os olhos sobre essa realidade, percebe-se que a devastação do Cerrado tem como consequência a extinção dos mananciais que existem sob a proteção dessa vegetação. Isso ocorre porque, segundo Barbosa, “na parte subterrânea, além do sequestro de carbono está armazenada a água, sem a qual não prospera nenhuma atividade econômica”. Diferentemente de outros biomas brasileiros cujo processo de formação é considerado relativamente recente se comparado ao Cerrado, este, segundo Barbosa, já atingiu o seu clímax evolutivo e, uma vez devastado, não há como recuperar sua biodiversidade.

A Amazônia terminou de ser formada há apenas 3 mil anos, um processo que começou há 11 mil anos, com o fim da glaciação no Hemisfério Norte. A configuração que tem hoje existe na plenitude só há 3 mil anos. A Mata Atlântica tem 7 mil anos. São ambientes que, se degradados, é possível recuperá-los, porque são novos, estão em formação ainda. (...) Por isso é que falamos que o Cerrado é uma matriz ambiental que já se encontra em vias de extinção (BARBOSA, 2015, s/p).

Ainda, segundo Barbosa, uma vez que as plantas do cerrado são de crescimento muito lento, a tentativa de reprodução dessa vegetação além de ser um trabalho extremamente dificultoso, devido às características complexas inerentes a esse biossistema, é também um processo que demanda muito tempo. Inserido nesse quadro de degradação do Cerrado, a consequência imediata é o desaparecimento de pequenos rios e conseqüentemente a extinção dos grandes mananciais cujas bacias hidrográficas brotam nesse bioma.

Em média, dez pequenos rios do Cerrado desaparecem a cada ano. Esses rios são alimentadores de rios maiores, que, por causa disso, também têm sua vazão diminuída e não alimentam reservatórios e outros rios, de que são afluentes. Assim, o rio que forma a bacia também vê seu volume diminuindo, já que não é abastecido de forma suficiente. Com o passar do tempo, as águas vão desaparecendo da área do Cerrado. A água, então, é outro elemento importante do bioma que vai se extinguindo (BARBOSA, 2015, s/p).

Há, segundo Barbosa, quem diga que o processo de degradação do Cerrado seria algo natural uma vez que ele foi o primeiro bioma a ser formado seria também o primeiro a desaparecer. No entanto, segundo o autor, Cerrado sofreu poucas alterações dos últimos 40 (quarenta) mil anos até um período muito recente da história do Brasil.

Até meados dos anos 1950, tínhamos o Cerrado praticamente intacto no Centro-Oeste brasileiro. Desde então, com a implantação de infraestrutura viária básica, com a construção de grandes cidades, como Brasília, criou-se um conjunto que modificou radicalmente o ambiente. A partir de 1970, quando as grandes multinacionais da agroindústria se apossaram dos ambientes do Cerrado para grandes monoculturas, aí começa o processo de finalização desse bioma. (...) Outro aspecto que indica que o Cerrado já entrou em vias de extinção é que as plantas do Cerrado são de crescimento muito lento. Uma canela-de-ema atinge a idade adulta com mil anos de idade. O capim-barba-de-bode fica adulto com 600 anos. Um buriti atinge 30 metros de altura com 500 anos. Nossas veredas – que existiam em abundância até pouco tempo – eram compostas de plantas “nenês” quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, estavam nascendo naquela época e

sua planta mais comum, o buriti, está hoje com 25 metros, 30 metros (BARBOSA, 2015, s/p).

A conclusão de Barbosa é que os danos causados ao Cerrado são irreversíveis, mas há um fator que poderia desempenhar um papel retardador nesse processo de extinção do Cerrado. Esse fator, segundo o autor é a educação dos seres humanos. Somente o conhecimento do problema não é suficiente, é necessário um urgente processo de conscientização da população.

A unidade lexical *cerrado*

Gráfico 17 – Produtividade da unidade lexical que recobre o conceito da questão 12 do ALINGO (Como chama a vegetação típica de Goiás?)

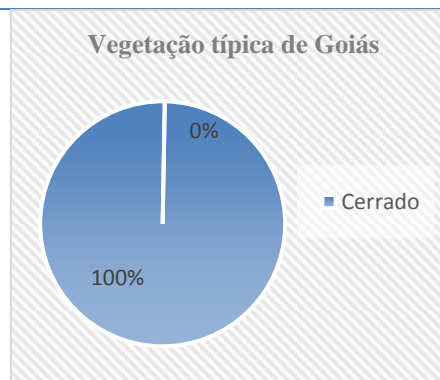
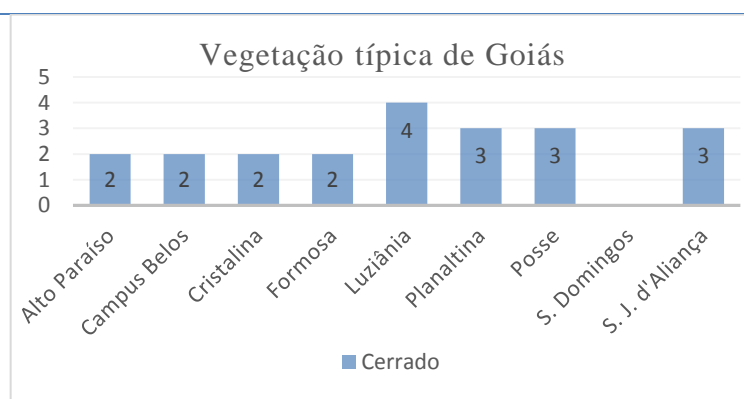


Gráfico 18 – Distribuição diatópica da unidade lexical que recobre o conceito da questão 12 do ALINGO (Como chama a vegetação típica de Goiás?)



Para este estudo, aplicou-se o questionário do Alingo a trinta e seis informantes, quatro por ponto de coleta, conforme o quadro acima. Os gráficos acima mostram que nem todos os informantes da pesquisa souberam responder à pergunta cuja resposta

pretendida era Cerrado. Assim, Luziânia foi o ponto onde todos os informantes responderam a pergunta e disseram que a vegetação típica de Goiás é o Cerrado; ao passo que em São Domingos nenhum informante soube responder a essa pergunta. No entanto, todos os vinte e um informantes que responderam à pergunta disseram que o nome da vegetação típica de Goiás é o Cerrado.

Com o intuito de lançar luz sobre o entendimento da semântica da unidade lexical cerrado, recorreu-se primeiramente à definição de Ferreira (2004) para posteriormente buscar o sentido dessa palavra num contexto mais estrito, como o de vegetação típica de Goiás.

Cerrado. [part. de cerrar.] Adj. 1. Fechado, vedado. 2. Denso, espeço, compacto: “A mata é tropical; basta, quase maciça / De tão cerrada.” (Vicente de Carvalho, Poemas e Canções, p. 55). (...) [Substantivo masculino] 10. Bras. Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e seburosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul. 11. Bras. Terreno ordinariamente plano, com esse tipo de vegetação e longos períodos de seca; campo cerrado, cerradão, cerradal. **Cerrado fechado.** Bras. Campo cerrado cujas árvores se acham mais próximas umas das outras. **Cerrado ralo.** Bras. Cerrado em que as árvores mantêm entre si uma distância que facilita o trânsito dos animais (FERREIRA, 2004, p. 443).

Em termos metalexiconográficos, o item negrito **Cerrado** possui as formas adjetivas 1 (fechado, vedado) e 2 (denso, espeço, compacto) como conceitos prototípicos em que 1 é mais centralizado (isto é, define com maior precisão) e 2 mais periférico (o sentido já é mais secundário). Em se tratando do substantivo masculino, Cerrado é um “tipo de vegetação”, expressão que se configura como um descritor genérico, entre cujas características destacam-se: “*árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e seburosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas*”. Relacionados à teoria dos protótipos, tais características podem se configurar como atributos de Cerrado. Assim, ser baixa, ser retorcida, ser dotado de casca grossa e seburosa, ser espaçada, ser envolto de gramíneas são os atributos que caracterizam a categoria Cerrado como um “tipo de vegetação”.

O sentido da unidade lexical cerrado radica na origem do verbo *cerrar*, cuja definição remete aos verbos *fechar* e *vedar*. Assim, o particípio passado desse verbo é empregado quando se quer dizer que algo foi cerrado, isto é, fechado ou vedado, não

permitindo a passagem ou saída. Nesse sentido do termo, o Cerrado enquanto vegetação se caracteriza pela particularidade de suas árvores. Conforme definição expressa por Ferreira (2004), trata-se de um “campo cerrado cujas árvores se acham mais próximas umas das outras”. Pode-se assim inferir que o Cerrado é assim denominado por se tratar de uma vegetação cujas árvores se posicionam mais proximamente umas das outras. Em razão de seus troncos estarem mais próximos do solo, suas copas “cerram” o ambiente em que estão concentradas, dificultando assim a circulação e a passagem.

Diante do exposto, fica evidente que embora não se possa chegar a quem tenha primeiramente empregado o termo *Cerrado* para nomear o tipo de vegetação que se caracteriza pelos traços que o levaram a essa nomeação, esta foi certamente motivada pelos traços que a caracterizam. No entanto, com o passar do tempo, como ocorre com a maioria dos nomes, o termo *Cerrado* não mais suscita a significação que o levou a ser nomeado como tal. Pelo menos, o usuário comum da língua não faz essa reflexão metalinguística sobre a origem e motivação dos nomes, principalmente em se tratando de uma unidade lexical já cristalizada na língua como é o caso desta em epígrafe.

Torna-se, assim, possível falar de “Cerrado fechado” e defini-lo como um “campo cerrado cujas árvores se acham mais próximas umas das outras” e conceituar “Cerrado ralo” como uma vegetação “em que as árvores mantêm entre si uma distância que facilita o trânsito dos animais” (FERREIRA, 2004, p. 443). No primeiro caso, Cerrado fechado, recobre uma significação redundante, resultante desse esquecimento necessário para que os nomes se estabeleçam, mudem, ganhem novos empregos e adquiram novas significações. No segundo caso, o termo Cerrado ralo perde contato com a significação original da terminologia que nomeia a vegetação e é ressignificado a partir do termo Cerrado fechado.

Tem-se assim o Cerrado, o Cerrado fechado e o Cerrado ralo. Ambos cobrindo a designação da mesma vegetação. O primeiro designa a vegetação em geral e os dois últimos, tipos diferentes da mesma vegetação. Uma vez que o nome foi criado e os fatores que motivaram a sua criação tenham sido esquecidos, perde-se a relação semântica da coisa nomeada com o significado a ela originalmente atribuído. O signo Cerrado resultante da união do significante [se'xado] e do significado *cerrado* assumem uma coexistência de identidade de forma tal que o signo Cerrado ganha uma definição autônoma, como se esse signo só pudesse designar a coisa Cerrado. Daí, pode-se fazer

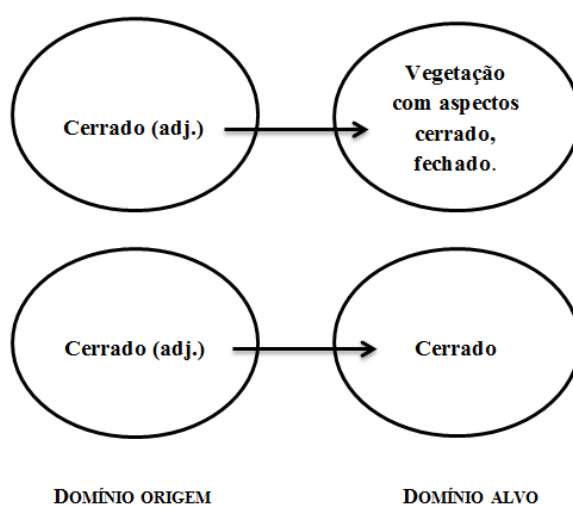
uso do termo Cerrado de formas variáveis como Cerrado fechado e Cerrado ralo, pois Cerrado não significa mais apenas a vegetação densa e de difícil acesso que levou a sua nomeação original, recobre também a significação da vegetação menos densa mas que conserva outras características próprias do bioma.

Evidencia-se assim que a unidade lexical *cerrado* se constituiu da forma adjetiva cerrado, cujo significado imediato é *fechado, vedado*. A análise evidenciou que essa nomeação se deu devido às características da vegetação própria do bioma do Centro-Oeste, uma vegetação densa e espreça, cujas árvores se acham muito próximas umas das outras, dificultando a circulação por entre si. Certamente, o emprego desse termo na nomeação dessa vegetação possui um sentido metafórico. Ao buscar-se um termo que pudesse descrever e representar as características dessa vegetação, o termo cerrado surgiu como que cobrindo essa significação. Os traços comuns de significação do nome cerrado e das características da vegetação se encontram, fazendo coexistir em ambos uma identidade significativa em que o termo cerrado signifique uma vegetação fechada, vedada e espreça.

Para que um termo seja considerado metafórico é preciso que haja uma coexistência de identidade entre o significado e o significante, uma motivação. Isso é autoevidente com a ocorrência da palavra cerrado que nomeia um tipo de vegetação. Como mostrado, essa identidade se realiza de tal forma que se torna possível falar de “Cerrado fechado” e “Cerrado ralo”, sem que pareça contraditório. Mas uma outra questão merece ser destacada, trata-se da passagem de um termo especializado para a fala comum. O falante comum não faz essa análise metalinguística antes de decidir-se por nomear um aspecto da vegetação do cerrado, que não é tão espreço, de cerrado aberto ou ralo, pois na consciência do falante comum a coexistência de identidade entre o nome e a coisa nomeada é tamanha que ele nem se pergunta se seria contraditório ou não nomear um aspecto do Cerrado de Cerrado ralo, pois esse termo é ressignificado pelo termo Cerrado fechado, um dos aspectos do cerrado.

Conforme Silva (2006, p. 122), é próprio da metáfora um mapeamento de domínios, pois ela “envolve domínios conceituais distintos, como um mapeamento (*mapping*), por uma série de correspondências ontológicas e epistêmicas, da estrutura de um domínio (origem) num outro (alvo), passando a ser entendido em termos daquele”. Nesse sentido, as metáforas se configuram de forma que X é Y, em que X é o domínio-

alvo e Y é o domínio-origem. Exemplificando, buscou-se nomear uma vegetação com um nome que pudesse evidenciar e descrever conceitualmente suas características físicas. O domínio-origem – Y – é a forma adjetiva cerrado; a vegetação que está para ser nomeada – X – é o domínio alvo. Ao ser nomeado como Cerrado, X – o domínio alvo – passa a ser entendido nos termos de Y – domínio origem. Assim, X é Y equivale a: *vegetação com aspectos cerrado, fechado é cerrado*; ou *Cerrado é cerrado*, conforme o esquema apresentado abaixo, em que Y projeta seus sentidos em X e este passa a ser entendido em termos daquele.



É importante destacar que nesse processo de criação ou de mudanças de sentidos por que passam as palavras, a cognição humana desempenha o papel não só de acatar essa nova criação ou mudança, mas de categorizá-la a partir dos sentidos das já existentes. Desse modo, Silva destaca que “um dos aspectos mais singulares e mais eficientes da cognição humana” está na “capacidade de adaptação a mudanças no mundo exterior e interior, acomodando essas mudanças às categorias existentes e interpretando-as através do conhecimento já existente” (SILVA, 2006, p. 299).

A relação isomórfica entre os termos cerrado (forma gramatical e forma lexicalizada) se perdeu com o tempo no aparelho conceitual dos utentes da língua, fazendo com que o termo Cerrado deixasse de invocar a relação forma-significado que motivou a sua criação e passasse a invocar apenas o conceito de vegetação típica do centro-oeste do Brasil, ao passo que a forma adjetiva manteve sua significação original. Segundo Silva (2006, p. 89), “as verdadeiras motivações da mudança semântica (...) não

as podemos encontrar nas próprias línguas, mas antes nos objetivos pragmáticos dos seus utentes – objetivos naturais de expressividade e de eficiência comunicativas”.

Considerações finais

A partir dos dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás (MILANI et al, 2015), tornou possível conhecer a gama de possibilidades de nomeação utilizada para expressar o mesmo conceito e se chegar ao mesmo referente; e ainda, perceber como a mesma unidade lexical pode referir-se a referentes distintos. O léxico, nessa perspectiva, passou a ser compreendido numa dimensão dialetal diatópica, com base nos dados coletados em diversos pontos do estado de Goiás.

Neste artigo, tomou-se como protótipo a unidade lexical cerrado para demonstrar como funcionam os processos significativos de uma língua, buscando uma explicação coerente para o surgimento de novos significados e para a motivação da mudança semântica. Assim, a mudança semasiológica de cerrado¹ (fechado, vedado) para cerrado² (vegetação típica de Goiás) decorre da necessidade do desenvolvimento de um novo conceito para um termo já existente na língua. Essa necessidade não possui fins outros senão o atendimento à finalidade pragmática dos utentes da língua.

Whitney (1867) dizia que o fato de a língua ser uma criação humana, nada haveria de interno ao seu sistema que pudesse conservar a identidade das palavras. Uma palavra não representaria assim um reflexo natural de uma ideia, mas apenas sua designação, um signo arbitrário e convencional com o qual se aprende associá-la. A arbitrariedade faz com que uma unidade lexical não tenha força interna que conserve sua identidade e, dessa forma, é exposta a toda sorte de mudanças. Uma vez que uma unidade lexical passa ao domínio do tempo, este se torna assim no seu principal indicador de estabilidade e de mudança. É observando as palavras localizadas no tempo que se pode perceber a instanciação e a implementação de determinadas mudanças semânticas, como as que foram evidenciadas acima.

Referências

BARBOSA, A. S. O Cerrado está extinto e isso leva ao fim dos rios e dos reservatórios de água. In: *Jornal Opção*. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-agua-16970/> Acesso: 09 de fev. 2015.

COUTINHO, L. M. *Cerrado*. Aspectos do Cerrado. Disponível em: <http://eco.ib.usp.br/cerrado/index.htm> Acesso: 11 de Nov. 2014.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

FERREIRA, A. B. O. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

MARRA, D.; MILANI, S. E. Reflexões acerca da noção de língua como uma instituição social em William D. Whitney. *Cadernos do IL*, n. 45, v. 2, 2012.

MEILLET, A. Comment le Mots Chagent de Sens. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1905-1906].

MILANI, S. E. *et al. Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

RAMOS, C. M. A. *e tal*. No céu do Maranhão cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M.; PAIN, M. M. T. (Orgs.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador, Vento Leste, 2012. p. 263-280.

RIO-TORTO, G. M. Desafios em morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, M. *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 31-57.

ROTH, W. A Semântica Histórica: um campo abandonado da Linguística? *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 61-79, 1998.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

_____.; FERREIRA, M. J.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 58-105.

_____. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WHITNEY, W. D. *Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science*. London: N. Trubnek&Co., Ludgate Hill, 1884[1867].

THE CERRADO IS A FOREST OF HEAD DOWN: SEMANTIC ANALYSIS OF THE LEXICAL UNIT "CERRADO"

ABSTRACT

We present in this article an analysis of the lexical unit *cerrado*, item that make up the lexical-semantic group geographical aspects of the Linguistic Atlas of Goiás (MILANI *et al*, 2015). This lexical unit is analyzed in the context of the data generated in the points that make up the northeast region of the state of Goiás. This diatopic approach, although it is important in order to have a sense of the speakers frequency of use of it, has a lower value for the purposes of this study, which deals with the analysis of semasiological semantic change *cerrado*¹ (closed, sealed) to *cerrado*² (vegetation typical of Goiás).

Keywords: *cerrado*, lexicon, semantic change.

Recebido em 23/05/2016.

Aprovado em 12/07/2016.